



**DESAFIOS DA INSERÇÃO EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS**

**23 a 25 de setembro de 2015**

**UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES**

**A CONSTRUÇÃO DA NEGAÇÃO DE BRASILIDADE**

**Edson Bomfim dos Santos - UFES – Universidade Federal do Espírito Santo**

# A CONSTRUÇÃO DA NEGAÇÃO DE BRASILIDADE

**Edson Bomfim dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo busca conformar a relação do método de construção da cidadania brasileira, através da negação dos povos originários e dos descendentes de africanos aqui trazidos na condição de escravizados, ao tempo que exalta a colonização, dependência social, cultural e econômica européia, impondo uma europeização da sociedade brasileira e conseqüente negação de brasilidade.

**Abstract:** Le présent article cherche conformer la relation de la méthode de construction de la citoyenneté brésilienne à travers la negation des peuples autochtones et des afrodescendants amenés, ici, dans la condition esclave au temps qui exaltant la colonisation, dépendance sociale, culturelle et économique européenne, imposant une européanisation de la société brésilienne et, en conseqüente, la négation de la brésilienneté.

**Palavras chaves:** Intelectualidade; Nacionalismo; e Brasilidade

## **Introdução**

O presente estudo busca através do desenvolvimento de pesquisa bibliográfica constatar o processo de negação de brasilidade contida na construção do conceito de nacionalismo brasileiro, através da exclusão da população indígena, negra e mestiça como relevante histórica, cultural e politicamente ao mesmo tempo em que busca a exaltação da descendência européia em um explícito conceito de negação da multiculturalidade e exarcebamento do embranquecimento, a qual se dedicou o país desde a sua “Independência”.

Durante este estudo tentaremos mostrar este processo de desqualificação de parcela considerável da população durante o processo histórico de afirmação do Brasil como país independente e integrado no contexto mundial, a partir da desconstrução da sua história de colonização, escravização e sua herança dos povos originários – indígenas- e africanos trazidos na condição de escravos.

Negação através do embranquecimento físico, intelectual e político da sua história, instituições e cotidiano, consubstanciando assim o enraizamento de um processo de

---

<sup>1</sup> Edson Bomfim é bacharel em Filosofia/UFES/2015/1

naturalização da inferiorização dos povos não brancos e solidificando uma estrutura segregacionista ímpar e única no mundo de racismo e conseqüentemente naturalização dos processos de extermínio político, cultural e físico destas populações.

Assim sendo buscamos dentro de um dialogo com Nilo Odalia em seu livro: *As Formas do Mesmo – ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Viana*; fundamentar a construção da negação de brasilidade e construção de um nacionalismo branco, voltado às origens portuguesas e da imigração européia como forma de um enquadramento estético – étnico-racial – supremacia racial branca, buscando apresentar o Brasil como continuidade da nação européia, negando a sua multiculturalidade, com fortes traços negros e indígenas e conformando um projeto embranquecimento, através da miscigenação continua.

A releitura aqui proposta, se apropria da constituição do processo histórico brasileiro que surge com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, com o objetivo de produzir a nossa história a partir da ótica do governo imperial, nos colocando como nação civilizada.

A condição de nação civilizada para tanto, busca escamotear a realidade da sua multiculturalidade já presente, negando, omitindo e manipulando criminosamente a presença negra, ao mesmo tempo em que previa a desaparecimento desta presença ao longo do tempo.

Tal projeto, apresentado por Karl Friedrich von Martius, considerado como “amigo do Brasil” e desenvolvido por Francisco Adolfo de Varnhagen, ambos alemães os quais se dedicaram inicialmente ao processo de construção da historiografia nacional observando desde esta a supremacia da “raça caucasiana”, além de classificar indígenas e negros como barbáries a serem absorvidos.

Importante destacar a cumplicidade e/ou coincidência na construção deste processo de nacionalidade brasileira, assim temos a luta dos jesuítas em defesa dos indígenas e contrário a escravização destes, porém, os mantendo dentro de um regime de servilismo, a incansável busca pela atualização intelectual da nossa corte imperial, principalmente através de D. Pedro II, seja participando ativamente das exposições “científicas” apresentadas com os “zoológicos humanos”, inclusive fornecendo para tanto as nossas

populações indígenas e a constante presença de intelectuais europeus na sua corte a convite deste, tendo entre eles Tomas Malthus, defensor bem como, da extinção negra através da mestiçagem.

Tais elementos históricos, não apenas consubstanciam a necessidade de releitura da nossa historiografia, bem como, nos remete a necessidade de reescrever a mesma visto que os prognósticos aqui pontuados e colocados em práticas durante todo este período não apenas fracassaram como projeto de embranquecimento, e arianismo civilizatório, como também conformou a naturalização do racismo nacional, o sentimento de não pertencimento e de brasilidade.

Ao nos depararmos com tal releitura histórica, podemos avançar no entendimento de todo o processo aqui vivido e conceber a origem do nosso racismo nacional, bem como a consecução de suas etapas de construção, nos remetendo à meio século posterior e ao acelerado processo de imigração quando da evidência do fim do regime escravocrata.

Importante destacar o papel desenvolvido pela intelectualidade desta época, século XIX, marcado como o século da ciência, do positivismo e do evolucionismo, que dão margem ao surgimento do darwinismo social e da miscigenação e que pautaram as teorias de hegemonia étnica branca baseados em discursos “científicos” e que pautam os projetos sócio-culturais que se desenvolvem até os nossos dias.

### **A construção histórica da negação**

Ao analisarmos o processo de construção da cidadania brasileira através da construção historiográfica podemos identificar a origem do processo de europeização, bem como, a negação dos povos originários e da população negra, tendo esta como um processo degenerativo da sociedade brasileira.

É de extrema importância o papel do historiador e o seu compromisso com as elites mesmo que para isso venha a omitir fatos e personagens que tiveram destacado papel na nossa historiografia, para que apenas figurassem o papel da elite seja no período colonial e imperial com a exaltação do bragantismo, ou posterior aos grupos que

assumem o poder, em um completo descaso com a verdade e negligência com o passado como cultura.

Este processo está integrado ao processo de servilismo metodológico que surge a partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que através da sua revista, lançou em 1840 um concurso para um plano de escrita da história do Brasil, concurso este vencido pelo alemão, naturalista Karl Friedrich Von Martius, com a dissertação “Como se deve escrever a historia do Brasil”.

Von Martius considerado o “amigo do Brasil” e Francisco Adolfo de Varnhagen considerado o “Heródoto brasileiro”, projetista e executor da historia da historiografia brasileira, estabelecem a dependência com a ideologia assumida e não autonomia de um pensar a partir de nós mesmo, negando e desfigurando assim, as já existentes contribuições como por exemplo, citada por Manoel Bomfim em seu livro O Brasil na História – deturpação das tradições, degradação política, sobre o livro de Frei Vicente do Salvador<sup>2</sup>, considerado a primeira e genuína história do Brasil.

Estas linhas delineadoras do fazer a história brasileira irão conformar o padrão a ser, desenvolvido, divulgado e estudado por nós dentro de um centralismo governamental e ao atendimento dos interesses da nossa elite. Ao mesmo tempo em que nos imputa o primeiro projeto de miscigenação como forma de branquear nossa sociedade e conforma uma estrutura econômica assimilada com o modo de produção escravista proporcionando o intrinsecamente da interação capitalismo racismo brasileiro, visto que mesmo no projeto de miscigenação, os negros aqui são considerados um mal para o país, ou seja, esta miscigenação é buscada apenas com a população indígena.

Para tanto, nos é imputado uma submissão e dependência das teorias importadas, principalmente com a parceria desenvolvida entre o IHGB e o seu equivalente francês, Institut Historique de Paris, o qual desenvolveram ampla parceria com “a troca de publicações e correspondência, e à abertura de espaço na revista parisiense para

---

<sup>2</sup> Frei Vicente do Salvador, escreveu a história do Brasil o qual terminou em dezembro de 1627, animado por seu amigo Manuel Serafim de Faria, o qual foi enviado para publicação, que após dez anos não fora publicado sendo que “duas cópias do mesmo foram recolhidas ao grande arquivo de papeis históricos do Estado português – a Torre do Tombo”. (BOMFIM. Manoel. 2ª Edição. 2013. Pag. 118). Importante destacar que Varnhagen teve acesso a esta obra.

tratamento de temas e veiculação de notícias relativas ao Brasil”. (GUIMARÃES. Manoel Luis Salgado. 1988. pag.12)

Resgata-se aqui a preocupação de construção de uma história voltada para apresentação do Brasil como continuidade de um padrão europeu a partir da sua herança imperial, ou seja, a continuidade da família Bragança no poder, assim perpetrando uma herança européia, assumindo assim o seu conceito eurocêntrico e a nossa não história e não filosofia a partir da nossa realidade brasileira e sua multiculturalidade.

Este parâmetro perpetrado é explicitado por Nilo Odalia no parágrafo abaixo:

“E sobre a estrutura racial, que dissimula uma realidade de estrutura de classes, que vão convergir todos os esforços de interpretação da nossa história de parte significativa dos intelectuais brasileiros do século XIX e das primeiras décadas do século XX, demonstrando de maneira eloqüente que, em primeiro lugar, uma opção de sociedade já havia sido feita, tendo como paradigma a sociedade européia e, em segundo, que essa opção era também formada de integração a essa sociedade. Integração que demandava uma metamorfose dos elementos espúrios da estrutura racial, índios e negros, pelo remédio da fusão ou miscigenação racial”. (ODALIA. Nilo. 1997. Pag. 19)

Negação de brasilidade, através da exaltação do arianismo eurocêntrico, herança da colonização portuguesa e descendência imperial através da família Bragança. Miscigenação como forma de branqueamento de parte da população, com ênfase na população indígena; sendo que a população negra escravizada e/ou vítima do escravismo é considerada com um dos males brasileiro, e com o acréscimo de um completo vazio ideológico, buscando apenas sua interação com o continente europeu é assim definido o conceito de nação à qual foi e estamos expostos como brasileiro.

“A opção irrecorrível por uma nação branca e européia nasce, segundo o autor da História geral do Brasil, como o fruto amadurecido e temperado de uma experiência histórica em que as linhas da nova Nação são legadas e determinadas por uma civilização superior. Aos demais grupos étnicos e culturais, considerados vencidos, só lhes resta uma participação passiva no projeto da nova Nação e apenas na medida em que se deixarem ou forem absorvidos e integrados, racial e culturalmente, pelo branco – única fonte de

legitimação, pois dele decorrem os valores básicos da nova nacionalidade”.  
(ODALIA.Nilo. 1997. Pag. 47)

Esta é a estrutura de construção de nação e mesmo da negação de um sentimento de brasilidade que se mantêm até os nossos dias, em busca do sempre ideal europeu – leia-se ariano – que ao se conformar ente nós, naturaliza um processo de inferiorização e de racismo único.

Neste processo, os movimentos históricos de autonomia – revoltas, quilombagens, expulsão de invasores, são tomados como elementos unificadores da nação, pela sua ação do Estado brasileiro na sua destruição, através da intervenção salvadora branca que agregando aos seus exércitos indígenas e negros impulsionaram derrotas aos inimigos. “Os sujeitos da história do Brasil são o homem branco e o Estado Imperial. O passado colonial deve ser reconstruído como suporte de um Brasil branco e europeu”. (REIS.José Carlos. Varnhagen (1853-7) o elogio da colonização portuguesa. Pag. 113)

“Ao definir a Nação brasileira enquanto representante da idéia de civilização do Novo Mundo, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto por não serem portadores da noção de civilização: índios e negros. O conceito de Nação operado é eminentemente restrito aos brancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que se propunha no espaço europeu. Construída no campo limitado da academia de letrados, a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do “outro”, cujo poder de reprodução e ação extrapola o momento histórico preciso de sua construção”. (GUIMARÃES. Manoel Luis Salgado. 1988. pag. 7)

### **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**

O IHGB, é criado a partir da proposta apresentada na Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional em 18 de agosto de 1838 e aprovada em sua Assembleia em 19 de outubro do mesmo ano, este – o IHGB – passa a ter vida independente e é composto por 50 membros sendo 25 para cada seção História e Geografia e já a partir da reunião de constituição em 01 de dezembro de 1838 se coloca sobre a proteção do imperador, que dotará financeiramente o mesmo. Marca importante da sua fundação é que é composto

majoritariamente por pessoas que tem funções no aparelho do Estado e ainda de origem portuguesa.

É a partir de 1849, ao desvincular-se fisicamente da SAIN - Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, através da inauguração de sua sede em 15 de dezembro, que aprofunda-se a sua relação com o Estado Imperial, onde este passa a sugerir “temas para discussão e reflexão dos membros, no estabelecimento de prêmios para trabalhos de natureza científica e no apoio financeiro que assegura o processo de expansão da instituição”. (GUIMARÃES. Manoel Luis Salgado. 1988. pag. 10)

Assim este instituto sobre a influência do império passa a desenvolver suas atividades com base no armazenamento de documentos e tendo como prioridade a produção de trabalhos nos campos da história, geografia e etnografia, sendo esta área, etnográfica, exclusivamente aos povos indígenas. Este trabalho etnográfico e arqueológico da temática indígena posteriormente trará um acirramento entre a história e a literatura “sobre a viabilidade da nacionalidade brasileira estar representada pelo indígena”. (GUIMARÃES. Manoel Luis Salgado. 1988. pag. 11)

### **O papel da intelectualidade na exaltação eurocêntrica**

Observamos aqui a deliberada omissão dos povos negros trazidos na condição de escravos e o papel desenvolvido pelo Estado brasileiro juntamente com as elites e a intelectualidade no processo de negação da sua multiculturalidade mantiveram fiel ao projeto desenvolvido por Von Martius, da exaltação do colonizador português e a mescla com a população indígena e completa exclusão da população negra.

O vencedor impõe a sua superioridade étnica, cultural e religiosa. Aos vencidos resta a exclusão, a escravidão, a repressão e a assimilação pela miscigenação, isto é, pelo “branqueamento” racial e cultural. (REIS. José Carlos. 1997. Pag. 116)

Conforma-se assim os primeiros passos da negação de alteridade e coisificação do ser negro, obviamente que ao tomarmos o processo histórico necessitamos nos situar nas condições objetivas e subjetivas da época, no entanto, não podemos desprezar as consequências da conformação deste projeto que se mantêm sofrendo transformações pouco significativas e, é base fundante do nosso complexo de inferioridade e de baixa-



estima, ao buscarmos dentro da negação de multiculturalidade pluriétnica a exaltação da herança européia.

Esta conformação por parte da nossa intelectualidade que forja o homem branco brasileiro, que buscou preservar a sua concepção européia em detrimento dos povos indígenas e africanos aqui trazidos, procurando “mostrar o que o diferencia e o aproxima do indígena, e o que o distancia do negro”. (ODALIA.Nilo. 1997. Pag. 91)

“A resposta das elites: O Brasil não quer ser, indígena, negro, republicano, latino-americano e não-católico. O que significa dizer: o Brasil quer continuar a ser português e para isto não hesitará em recusar ou reprimir o seu lado “brasileiro”. Este “Brasil português” será defendido e produzido pelas elites brancas, pelo Estado, pela Coroa. O novo país será uma continuação da colônia. A diferença é que a colônia não é mais exterior, mas interior. E é portuguesa ainda”. (REIS. José Carlos. 1997. Pag. 114)

Importante destacarmos, o pensamento de Varnhagen sobre a situação do negro na sociedade brasileira:

“Como a colonização africana, distinta principalmente pela cor, veio para o diante a ter tão grande entrada no Brasil, que se pode considerar hoje como um dos três elementos de sua população, julgamos de nosso dever consagrar algumas linhas neste lugar e tratar da origem desta gente, a cujo vigoroso braço deve o Brasil principalmente os trabalhos do fabrico do açúcar, e modernamente os da cultura do café, mas fazemos votos para que chegue um dia em que as cores de tal modo se combinem que venham a desaparecer totalmente no nosso povo as características da origem africana, e por conseguinte a acusação da procedência de uma geração, cujos troncos do Brasil vieram a ser conduzidos em ferro do continente fronteiro, e sofreram os grilhões da escravidão, embora talvez com mais suavidade do que nenhum outro país da América, começando pelos Estados Unidos do Norte, onde o anátema<sup>3</sup> acompanha não só a condição e a cor como todas as suas degradações”. (ODALIA.Nilo. 1997. Pag. 95 e 96)

---

<sup>3</sup> **Anátema** significa **excomunhão, execração, maldição, reprovação enérgica**. Do grego “*Anáthema*” (coisa posta **de lado**), formada da preposição “*aná*” (*de lado*) mais “*tithemí*” (colocar).

Fica evidente, que este pensamento ideológico não foi ainda superado entre nós, além do que ao ser incorporado no imaginário coletivo da nossa intelectualidade passou a condição de identidade cultural, dando uma percepção de unidade em torno deste conceito, no entanto, como vemos esta unidade se encontra apenas no interior do Estado brasileiro e em parte da nossa elite.

“O instrumento central para essa política de branqueamento é a miscigenação biológica; os que o seguirem terão um arsenal mais rico e amplo de argumentos pseudocientíficos para a defesa do branqueamento e procurarão ultrapassar as fronteiras do biológico, por meio da ampliação da miscigenação que passa a ser um fato cultural”. (ODALIA.Nilo. 1997. Pag. 97)

Encontramos aqui o racismo não apenas como deformação de caráter ou como questão subjetiva de cada indivíduo, mas sim, como estruturante na concepção de conformação do Estado brasileiro e de nação, que como tal nos relegou historicamente o processo estruturante da desigualdade social a partir da sua “independência” e que consolidou-se através do seu processo histórico de Império e Republica, sendo ainda base estrutural do sistema capitalista implementado.

Paralelo a esta conformação de nação e de branqueamento do país vimos a progressiva entrada de estrangeiros no país e o desenvolvimento de um processo de fixação destes como forma de embraquecimento. “Entre 1823 e 1830 foram editadas mais de duas dezenas de documentos, entre *Decisões, Portarias, Decretos e Leis* que regulavam ou davam instruções sobre a entrada e fixação de não-nacionais em solo pátrio”. (PAIVA, Odair da Curz. 2004. Pag. 35)

Comumente temos a questão da imigração com o processo de internacionalização da economia brasileira sem nos atentarmos ao processo de negação de brasilidade e da pluriethnicidade constante no bojo de construção de nação, e o processo deliberado de

---

Anátema é uma palavra canônica (relativa às regras da igreja) que se refere à condenação de uma doutrina contrária a qualquer verdade do Evangelho de Cristo.

Anátema é a expulsão, a condenação, a excomunhão e execração, do seio da Igreja, de qualquer pessoa que segue doutrina contrária à verdade da fé católica. Os adjetivos excomungado, maldito e amaldiçoado, qualificam aqueles indivíduos que condenam o patrimônio da fé católica.

<http://www.significados.com.br/anatema/>. Importante analisarmos o conteúdo religioso empregado, o que caracteriza mínimamente a crença religiosa na aplicação do conceito de exclusão do povo negro e ainda minimiza o processo escravagista brasileiro, apresentando-o com mais suavidade, em explícita defesa do caráter escravocrata português,

expulsão de comunidades indígenas e negras de seus habitat para a ocupação imigrante, além do que todo o desenvolvimento de uma política imigratória que foi da “realização de propaganda do país na Europa e a responsabilidade em firmar acordos de emigração/imigração com países como Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, etc.”<sup>4</sup> ao financiamento e estabelecimento de uma política educacional como forma de fixação deste em território nacional.

O embranquecimento como política de Estado, pode ser constatado em diversos momentos históricos a partir da “independência” porém, é necessário ressaltarmos o Decreto 528, de 28 de junho de 1890, logo em plena vigência da primeira República, que trata do espírito do branqueamento brasileiro.

“O art. 1º. Do referido decreto explica que era livre a entrada, nos portos da República, “dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho que não se acharem sujeitos à ação criminal do seu país, excludentes da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de acordo com as condições que forem estipuladas”. (PAIVA, Odair da Curz. 2004. Pag. 67)

Tal conceito de branqueamento da nação como vemos passa a ser uma política de Estado e também de significativa parcela da sociedade, principalmente pela nossa intelectualidade da época, como veremos abaixo;

“Naquele momento, pensadores como Silvio Romero (1851 -1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Oliveira Lima (1883-1951), entre outros, avaliavam como positiva a imigração de brancos. Ela teria a função de impor uma atualização histórica na sociedade brasileira, igualando-a aos padrões étnicos e sociais europeus, considerados, então, como paradigma de civilização”. (PAIVA, Odair da Curz. 2004. Pag. 68)

Encontra-se implícito a continuidade do projeto de Von Martius e Varnhagen de extinção da população negra através da miscigenação, tendo esta como um processo de

---

<sup>4</sup> (PAIVA, Odair da Curz. 2004. Pag. 50)

melhoria da raça, visto que negros eram tidos como raças inferiores. Não obstante a este processo, subjetivamente é constituído um conceito de inferiorização de nação e negação de brasilidade, com a constituição de uma elite eurocentrizada e constituída em núcleos migratórios que terminam por reforçar sua herança européia e negatividade de brasilidade, ao mesmo tempo em que se mostra subserviente a um modelo de sociedade que nos mantêm presos ao conservadorismo colonialista.

Tal situação que chamaremos de complexo tupiniquim eurocêntrico, onde nossa elite busca comportar-se, referenda e submete-se a cultura eurocêntrica ou estadunidense, ao mesmo tempo, em que nega a pluriétnicidade local e referenda através da sua omissão e/ou apoio a inferiorização de não brancos.

Ao constatamos o complexo conceito tupiniquim eurocêntrico vale destacar a preservação identitária dos diversos agrupamentos imigrantes e a até hoje atual necessidade de auto-identificação desenvolvida através de inúmeras campanhas de reconhecimento de sua hereditariedade eurocêntrica, ao mesmo tempo em que assistimos ao massacre dos povos indígenas e a destruição histórica dos arquivos referentes a origem dos povos negros escravizados.

A negação de brasilidade como podemos observar encontra-se implícita em todos os setores da sociedade, e “naturalizou-se” tornando-se base estruturante do Estado brasileiro, que mesmo quando não explicitas estas impactam sobre a população não branca, é assim que a absorção desta naturalização impacta negativa desde à aplicação de qualquer princípio econômico como na negação de justiça ou direitos sociais, caracterizando uma espécie de apartheid brasileiro, o qual nos negamos a enfrentar.

Aqui é entendido que a nossa autonegação, impactou em uma desconstrução social, tendo o eurocentismo como uma intervenção salvadora branca, agindo na desregulação social indígena, e condenando a população negra a condição de espúrio, desde o projeto de nação e mesmo em nossos dias, onde esta situação pouco difere, sendo ainda negada a participação plena, seja pela origem eurocêntrica racista, seja pelo não reconhecimento do próprio processo de negação, ou ainda, pelo medo do enfrentamento de tal negação diante dos impactos, históricos, sociais, políticos e econômicos advindos de tal assumimento.

A construção de um projeto de brasilidade urge, como forma de construção de uma verdadeira nação brasileira, voltada aos seus próprios interesses, negando o caráter etnocêntrico eurocentrado que nos foi imposto, nos resgatando do complexo tupiniquim de submissão e inferioridade, e, por fim, nos libertando mentalmente da condição de colônia.

A riqueza contida em nossa pluriétnicidade e conseqüente multiculturalidade, negada através deste complexo tupiniquim de inferioridade, que visa exaltar uma supremacia ariana, condenou a todos nós a um processo sistêmico de submissão ideológica e econômica, e que necessita ser enfrentada, como afirma Manoel Bomfim.

“Finalmente, a substância da história é feita desses embates em que, sob a rubrica de povos, ou de classes, as tradições se afrontam e lutam, para o avassalamento de umas pelas outras, com o resultado de substituições, fusões, eliminações, extinções – lentas ou súbitas, até que prevalece a tradição que representa um maior progresso humano, ou, pelo menos, a virtualidade de progresso, em energias jovens, próprias para a indispensável renovação de formas – políticas, sociais, econômicas ...” (BOMFIM. Manoel.2013. pag. 38)

Tal enfrentamento não limita-se a uma ação meramente política ou econômica, que possa vir a ser implementada com ascensão de um partido ao governo central/federal, isto porque, no campo dos partidos de direita encontraremos não apenas a mentalidade conservadora, como também a incitação irresponsável de uma unicidade em torno de seus conceitos levando ao ódio do outro, pelo campo da esquerda, mesmo esta encontrando aspectos da negação burguesa, encontra-se limitada a luta classista e economicista, sem ter em conta a unimultiplicidade cultural e pluriétnica do nosso país.

Assim a desconstrução da negação, perpassa pela necessidade de criação de um sentimento de brasilidade, no enfrentamento da releitura da nossa história e a partir da consciência e comprometimento de construção de um processo revolucionário, onde a afirmação de nossa multiculturalidade signifique o caminhar para o novo.

“Manoel Bomfim empreendeu uma criteriosa e detalhada revisão historiográfica, mostrando que entre os males brasileiros estava a maneira

pela qual a nossa historia estava sendo escrita, contada e, principalmente, ensinada”. (BOMFIM. Manoel.2013. pag. 19)

Não é demais lembrar que o abandono do complexo tupiniquim, constitui principalmente na destruição do etnocentrismo eurocêntrico que instalou-se em nosso seio desde sempre, porém, não significa desconsiderar possíveis contribuições, visto que a partir da pluriethnicidade e multiculturalidade as heranças se conformam em uma construção identitária própria, que chamamos de brasilidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

ODALIA. Nilo. **AS FORMAS DO MESMO – Ensaio sobre o pensamento histotográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna**. Editora UNESP. ISBN: 85-7139-142-4

PAIVA. Odair da Cruz. **HISTÓRIAS DA (D)MIGRAÇÃO – Imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI**. Arquivo Público do Estado de São Paulo. ISBN: 978-85-63443-07-6

BOMFIM. Manoel. **O BRASIL NA HISTÓRIA – Deturpação das tradições, Degradação política**. 2 Edição – Rio de Janeiro;Topbooks; Belo Horizonte, MG: PUC –Minas, 2013. ISBN 978-85-7475-221-1

REIS. José Carlos; Departamento de História/UFOP. **VARNHAGEN (1853-7) o elogio da colonização portuguesa**. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, n 17, Mar/97, p. 106-131

PEREIRA. José do Egito N. (Me. UFCG) SESC; [www.sescpb.com.br](http://www.sescpb.com.br). **KARL FRIEDRICH VON MARTIUS E FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN: O BRASIL E A INFELIZ PRESENÇA NEGRA**

CARTELI. Karin Kreismann. **A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA**. Trabalho apresentado como pré-requisito para a conclusão da disciplina Cultura Brasileira e Patrimônio Histórico, ministrada por Bernardo Lewgoy, no Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Histórico-Cultural em setembro de 2001.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.) O Brasil Imperial. Volume II: 1831 - 1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. **CONFLITOS E EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO ESTADO IMPERIAL BRASILEIRO**

GUIMARÃES. Manuel Luis Salgado. **NAÇÃO E CIVILIZAÇÃO NOS TRÓPICOS: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n 1, 1988. P. 5 – 27.